In The Dark e a vilanização do homem negro

Por Keyti Souza

Assisti a pelo menos cinco novos filmes em exibição no Encontro Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul antes de decidir sobre qual deles gostaria de escrever. Vi documentários e ficções de diversos países, como Suécia, Brasil, Alemanha, Nigéria e Gana. Algumas obras muito boas e outras cujas narrativas não prenderam minha atenção. Mas In The Dark (Na Escuridão), filme nigeriano de 2020, dirigido por Alameen e Xiomara Rendon, foi minha escolha.

Primeiro simpatizei com o título da obra, imaginando que se tratava de algo relacionado a terror ou suspense (gêneros pelos quais tenho muita predileção). Depois de ler a sinopse, fiquei ainda mais fascinada, pois imaginei se tratar de um filme sobre o terror e angústia sofrido pelas mulheres cotidianamente e em qualquer país. Seja a violência moral, psicológica, física, patrimonial ou sexual, as mulheres estão sempre expostas. A insegurança do ser humano feminino é, portanto, um problema global.

Em linhas gerais, o curta de aproximadamente nove minutos, narra a história da jovem Diana. Ela está num bar com suas amigas, mas resolve ir embora e acaba esbarrando em um homem na saída. Diana segue seu caminho, andando por ruas escuras, quando percebe que o homem do bar a está seguindo. Sozinha e assustada, ela começa a correr e se esconde, porém, acaba sendo encontrada e capturada pelo seu algoz.

Não vemos o que lhe acontece após ser surpreendida, acompanhamos apenas a angústia prévia de quem ora tem esperanças de que a perseguição seja apenas criação de sua mente assustada, mas que logo estará em segurança em sua casa; ora está apavorada por estar sozinha e indefesa num local escuro e sem ter a quem recorrer. A narrativa deixa a imaginação formular os acontecimentos que sucedem o encontro, de maneira que cada espectador poderá ter uma visão diferente sobre o desfecho ou talvez terminem de assistir o filme sem compreender o que aconteceu a protagonista.

Apesar de ser uma obra nigeriana, o cenário fílmico não parece ter sido o país. O filme também não deixa claro onde se passa a história, o que não me incomodaria em qualquer outra obra. Mas a personagem Diana é uma mulher negra e está num bar com pessoas de diversas etnias, homens e mulheres brancos e amarelos. No segundo ato, que conto mais a frente, ela é a única pessoa negra. No entanto, o perseguidor, o algoz, é um homem negro (o único homem negro do bar).

A personalização do homem negro como vilão em filmes onde a maioria é branca sempre me deixa desconfortável com relação ao fato. O cinema, especialmente norte-americano, explorou a carne negra a partir de diversos estereótipos: o negro mágico que ajuda o branco a encontrar seu caminho por meio de sua sabedoria inexplicável; a *mammy* que está sempre disponível para sua senhora branca, como se amasse estar naquela posição; o homem másculo e sexualizado, que tem órgãos avantajados e está sempre em busca de satisfação sexual; as mulheres barulhentas e agressivas; entre tantos outros que nos coloca sempre em posição de pessoas fragéis que precisam ser salvos pelos brancos, ou desprovidos de inteligência e apenas tendo a força física como ponto posivito.

E o negro como vilão, aumenta ainda mais o estigma de que sua presença representa perigo. Por se tratar de um filme sobre violência sexual, o estereótipo do homem negro como sexualmente ativo e agressivo disposto a agir com violência para conseguir o que deseja é potencializado. Historicamente, durante o período da escravidão e mesmo depois de sua abolição, centenas de homens negros foram linchados, acusados de crimes sexuais contra mulheres brancas. O simples fato de olhar na face de uma mulher branca poderia colocar um homem negro em perigo. In The Dark é um filme multiracial, mas porque o único homem negro do filme representa o mal?

No segundo ato, no que parece ser um futuro próximo a violência sofrida por Diana, ela está num cenário completamente diferente. A persoagem está num metrô, cercada de asiáticos e pessoas brancas, me levando a questionar novamente a escolha do homem negro como agressor. Neste momento, Diana é a única pessoa negra em cena. Meu desconforto fica ainda mais insuportável, fico angustiada com a existência de tantos brancos e o negro ser posto como vilão. Tento entender as motivações, e assisto ao filme novamente, na busca por detalhes que eu tenha perdido. Falho, não vejo nada que me traga luz.

No metrô, a personagem parece relembrar os traumas do passado e qualquer olhar destinado a ela, por qualquer homem, lhe causa horror. Ela se assusta com o menor dos movimentos masculinos, por medo de ser novamente submetida à violência.

Aterrorizada, ela sai do metrô e corre pra se esconder dos homens. Diana se isola no banheiro, mas continua assustada e a imagem do seu violador a persegue através do espelho.

No final, o curta In The Dark talvez tente apresentar as marcas psicológicas que a violência contra a mulher pode deixar e como os traumas podem impedir que coisas simples possam ser realizadas. Mas a narrativa parece não ter meio. Assistimos ao início da trajetória da personagem e interpretamos o final, não somos apresentados ao intervalo entre essas duas pontas para compreender o desfecho.

E o que me parecia inicialmente a tentativa de denúncia da violência contra a mulher, acabou se tornando uma experiência de incomodo com a vilanização do homem negro.